

## CORPO: SUPORTE, ESCULTURA E ESCULTOR

## BODY: SUPPORT, SCULPTURE AND SCULPTOR

## CUERPO: SOPORTE, ESCULTURA Y ESCULTOR

Rui Proença Garcia<sup>1</sup>

rgarcia@fade.up.pt

Ana Gabriela Medeiros<sup>2</sup>

rgarcia@fade.up.pt

### RESUMO

O presente artigo promove uma reflexão acerca do corpo, não só para a Educação Física, mas em tantas outras áreas, que tratam do sentido do corpo, para além de sua estrutura e funcionamento. Conceitos como corpo-objeto e corpo-vivência são trazidos com o aporte teórico de Vaz (1993) e Agostinho Ribeiro (2003), o corpo também é entendido como resultado de processos culturais, segundo Garcia (1999). O artigo ainda traz o papel do corpo na Educação, de como ele é esculpido e construído por meio do esforço promovido, construindo eticamente assim o próprio ser. A estética corporal, enquanto valor humano, tem o seu lugar na educação. Mais do que educar para valores, educa-se em valores, ocupando a estética um lugar nesse quadro axiológico, pelo que é legítimo que a Escola se preocupe com o corpo enquanto produção estética, considerando que o valor estético deve estar subordinado ao superior valor da ética, conforme defende Patrício (1993).

**PALAVRAS-CHAVE:** CORPO; EDUCAÇÃO FÍSICA; ESTÉTICA.

### ABSTRACT

The present article promotes a reflection about the body, not only for Physical Education, but in so many other areas, that deals with the sense of the body, in addition to its structure and functioning. Concepts such as body-object and body-experience are brought with the theoretical contribution of Vaz (1993) and Agostinho Ribeiro (2003), the body is also understood as a result of cultural processes, according to Garcia (1999). The article also brings the role of the body in Education, how it is sculpted and constructed through the effort promoted, ethically constructing its own being. Body aesthetics, as a human value, have their place in education. More than educating for values, it educates itself in values, occupying aesthetics a place in this axiological framework, reason why it is legitimate that the School worries with the body as aesthetic production, considering that the aesthetic value must be subordinated to the superior value of the ethics, according to Patricio (1993).

**KEY WORDS:** BODY; PHYSICAL EDUCATION; AESTHETICS.

1 Universidade do Porto – Faculdade de Desporto. Academia Brasileira de Filosofia.

2 Universidade do Estado da Bahia – Campus XII.

## RESUMEN

El presente artículo promueve una reflexión acerca del cuerpo, no sólo para la Educación Física, sino en tantas otras áreas, que tratan del sentido del cuerpo, más allá de su estructura y funcionamiento. Los conceptos como cuerpo-objeto y cuerpo-vivencia son traídos con el aporte teórico de Vaz (1993) y Agustín Ribeiro (2003), el cuerpo también es entendido como resultado de procesos culturales, según García (1999). El artículo todavía trae el papel del cuerpo en la Educación, de cómo es esculpido y construido a través del esfuerzo promovido, construyendo éticamente así el propio ser. La estética corporal, en cuanto valor humano, tiene su lugar en la educación. Más que educar para valores, se educa en valores, ocupando la estética un lugar en ese cuadro axiológico, por lo que es legítimo que la Escuela se preocupe con el cuerpo como producción estética, considerando que el valor estético debe estar subordinado al superior valor de la ética, conforme defiende Patrício (1993).

**PALABRAS CLAVE:** CUERPO; EDUCACIÓN FÍSICA; ESTÉTICA.

## PONTO DE PARTIDA

Começa já ser redundante escrever sobre o corpo, não só no mundo da Educação Física como em tantos outros domínios. É profícua a produção de textos sobre o corpo na Filosofia<sup>3</sup>, Antropologia<sup>4</sup>, Sociologia, Religião e Teologia<sup>5</sup>, contando apenas aqui os conhecimentos que apontam o sentido do corpo, deixando de lado as áreas que se preocupam com a estrutura e o funcionamento do mesmo.

A literatura, o cinema e outras áreas artísticas também possuem os seus discursos e visões sobre o corpo, conferindo-lhe uma universalidade temática, talvez intemporal.

Nas grutas primitivas vemos desenhos de corpos ou marcas, como as mãos, dos seus artistas. Talvez tenham um valor mágico ou ritualista. Essas simples gravuras ou impressões corporais podem expressar o imaginário daqueles povos que perpetuaram para sempre as suas formas. Essas figuras são como uma janela aberta para um tempo, para um território.

Ao longo da história humana, em qualquer uma das suas divisões temporais, assistimos à proliferação de estátuas, mais ou menos perfeitas, de desenhos e pinturas onde sobressai o corpo, fazendo muitas vezes alusão a uma determinada característica ou função. São imagens que invocam fertilidade ou virilidade, fortuna ou desgraça, poder ou submissão, beleza ou feiúra, santidade ou pecado, trabalho ou preguiça, saúde ou doença, vida ou morte, amor ou ódio, coragem ou medo, místico ou mundano, esperança ou desespero, prazer ou sofrimento, enfim uma miríade de situações que a imagem do corpo expressa.

A história da humanidade pode ser estabelecida pelas imagens sobre o corpo que através do tempo vão sendo produzidas. É óbvio que essas imagens nos remetem para diversas concepções estéticas e mesmo religiosas que desde os tempos imemoriais até à atualidade enformam a nossa vida. Sem grandes dúvidas, podemos afirmar que as mundividências também se traduzem pela imagem do corpo humano.

O corpo representa algo, ou seja, torna presente inúmeras condições ou situações porque é um símbolo. Ora, tal como nos ensina Paul Ricoeur, o símbolo faz pensar.

3 José Gil (1980).

4 Henrique Vaz (1993) e David Le Breton (1990).

5 João Paulo II (2013).

Pensemos, então, no corpo humano.

## ANTROPOLOGIA TERNÁRIA EM SÃO PAULO

Nada melhor do que recorrer a um grande pensador do Mundo Antigo para iniciar este ensaio sobre o corpo: São Paulo<sup>6</sup>.

Para São Paulo, na sua concepção antropológica ternária, o homem é corpo, alma e espírito<sup>7</sup> ou, em palavras do antigo grego, *sôma*, *psychê* e *pneuma*<sup>8</sup>.

O ser humano constitui-se numa unidade na diversidade, não sendo possível concebê-lo sem cada uma das partes enunciadas. Assim sendo, o corpo, enquanto elemento constitutivo desta antropologia paulina, não é algo periférico, ocupando, na diversidade, um lugar determinante com cada um dos restantes elementos.

A dignidade do corpo humano não fica diminuída face às dignidades da alma ou do espírito, uma vez que nesta diversidade nenhum elemento pode existir sem os restantes. Nesta visão, o ser humano é corpo, é alma e é espírito, não o podendo ser sem corpo, sem alma ou sem espírito.

Falar sobre o corpo – talvez seja melhor escrever **acerca** do corpo – não é desprezar outros constituintes humanos, na medida que a unidade na diversidade fica sempre salvaguardada. Elevar um elemento é elevar todos os elementos na mesma proporção.

Pensemos no nascimento de um ser humano. Visualizemos esse momento, o preciso momento que se exclama “nasceu”. O que vemos? Um minúsculo corpo a sair de um corpo maior. Depois de 9 meses onde estiveram fundidos, o pequeno corpo liberta-se do útero materno, autonomizando-se passando a *ser*, abandonando a esperança de um *há de ser*. Já se sabe se é menino ou menina, perfeito ou não, se se parece com alguém da família, se é calminho ou, ao invés, chorão.

É um novo ser humano que desponta para a humanidade e a percepção dessa presença dá-se através daquele corpo que sai de sua mãe. A alma e o espírito coexistem, mas naquele preciso momento é o *sôma* que ocupa a centralidade do ser.

O novo ser humano é apresentado à sociedade, vai ter um nome, indo a pouco e pouco ocupar nela o seu lugar. Vai crescer, desenvolver-se, criando e recr(i)eando-se, sendo que esses momentos são percebidos pelo corpo. Primeiro, na mais tenra idade, o médico preocupa-se em medir e em pesar aquele corpinho tão frágil, situando esse crescimento num determinado percentil.

Lentamente os pais começam a decifrar no rosto, nos movimentos e no choro da criança a sua linguagem, as suas sensações, o seu prazer ou desagrado. O corpo deixa de ser apenas a expressão do viver, passando a ser também a expressão do existir. Aquele ser franzino já não tem apenas uma existência biológica, adentrando uma outra dimensão que podemos denominar de metafísica.

Não é apenas corpo, mas pelo corpo expressa a sua existência.

Desta forma, podemos afirmar que saímos da dimensão do corpo para ingressar na corporeidade. O corpo-objeto transforma-se no *corpo-vivência*, entidade do *eu* espiritual-corpóreo,

6 Apóstolo de Jesus Cristo, que viveu entre os anos 5 e 67.

7 Ver Primeira Epístola aos Tessalonicenses (5, 23): *Que todo o vosso espírito, alma e corpo se conservem sem mancha para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*. Temos a consciência que São Paulo limitou-se a enumerar algumas características e não a estrutura essencial do ser humano. Contudo, desta posição resulta uma antropologia ternária que pode ser utilizada no contexto deste ensaio.

8 Encontramos em Carlo Rocchetta (1993) um excelente desenvolvimento desta visão de São Paulo, que não cabe apresentar neste breve ensaio. Uma simples tradução de palavras é um ato hermenêutico profundo, até porque as palavras escritas em hebraico e em grego nem sempre são coincidentes, mesmo que na aparência sejam análogas.

que vive uma experiência única e irrepetível. É o corpo mobilizado pela vontade, sendo expressão dessa vontade. É o corpo esculpido e ao mesmo tempo o corpo esculptor.

## CORPO-OBJETO E CORPO-VIVÊNCIA

Na língua alemã existem duas palavras para expressar a ideia de corpo comum na língua portuguesa: *Körper* e *Leib*. A primeira palavra remete-nos para a existência material do corpo, enquanto *Leib* nos dirige para o corpo próprio ou corpo-vivência.

A vida animal está fortemente marcada pelo *Körper*, o que não se verifica com o ser humano. Por outras palavras, desta forma diferencia-se o estar-aí do ser-aí. O animal gravita em torno de duas totalidades, a física e a biológica, enquanto para o homem temos de acrescentar a totalidade intencional (VAZ, 1993, adaptado).

Van Gennep (1909), reconhecido antropólogo francês que viveu na transição do século XIX para o século XX, afirmava que o corpo é como um pedaço de madeira que cada um esculpe consoante sua vontade, mostrando que o corpo é uma escultura produzida pelo eu. Há uma intencionalidade!

A afirmação deste autor, já tornada clássica, pode levar-nos para a longa discussão se temos um corpo ou se somos um corpo. Não nos sentimos confortáveis por ter um corpo – quem tem o corpo? Eu? Mas pode haver um eu sem corpo? – nem como sendo corpo. Não cremos na identidade ou na analogia entre o eu e o corpo. O eu é mais do que o corpo. Também não me satisfaz que o corpo seja o suporte material do eu. Isso significa uma desvalorização deste elemento da antropologia paulina, tornando o corpo num simples objeto, que não é. Com efeito, o corpo não é o suporte do seu eu, uma vez que já é uma expressão desse eu.

Talvez tenhamos de considerar a posição de Delfim Santos, pedagogo português dos meados do século XX, que vê no homem uma unidade de quatro elementos: matéria, vida, consciência e espírito<sup>9</sup>. Sem um grande esforço hermenêutico, podendo ver neste autor a antropologia ternária de São Paulo, a que foi acrescentada uma outra dimensão, a matéria.

Compreendemos a necessidade de diferenciar matéria de vida (ou de corpo), dado que o corpo é já uma construção – a tal escultura – humana. Matéria é, assim, o suporte material do corpo, algo que independe da nossa vontade. São os átomos e as moléculas que vamos mobilizar para a construção do corpo, sendo que este é já uma matéria chamada à ou pela razão.

O corpo humano é feito de matéria muito simples. É água, cálcio, ferro e afins, mas é uma matéria que pode dizer eu sou! Que salto evolutivo representa esta matéria.

Por tal, o corpo afastou-se da matéria, bruta por natureza, já é outra coisa. É uma escultura, mas uma escultura que fala!<sup>10</sup> E atualmente é uma escultura que pode ser pintada (tatuagens) ou que se acrescentam artefactos variados (piercings e afins)<sup>11</sup>.

Do corpo como arte derivamos para a arte no corpo, um objeto de *design*. Autores como David Le Breton ou, no campo da Psicologia, Agostinho Ribeiro (2003) compreendem o alcance desta transformação meteórica do corpo.

Diferenciar matéria de corpo tem as suas vantagens. Com ela podemos perceber o ser humano como uma transcendência, isto é, como algo que vai mais além do que a sua ascendência,

9 Ao longo das *Obras Completas*, vemos várias referências a este tema, em especial no vol. I, p. 252.

10 Reza a tradição que quando Miguel Ângelo terminou a escultura de Moisés, bateu-lhe com um martelo dizendo “*parla*”. Não falou!

11 É óbvio que as tatuagens e os piercings não são invenções recentes, mas o seu uso global é uma característica contemporânea.

uma metáfora do movimento perpétuo, sem fim.

Consideremos a vida, toda a vida. Tal como aponta Edgar Morin (s/d), o normal no cosmos, pelo menos dentro daquilo que sabemos, é não haver vida. Esta parece ser uma singularidade do nosso Planeta, que se expressa numa impressionante diversidade. Com efeito haverá milhões e milhões de formas de vida, desde a mais simples e minúscula, passando por formas enormes como as sequoias e baleias, por um sem-número de plantas e de animais, sendo que surge no meio de tanta variedade o ser humano.

Plantas e animais existem no Planeta Terra há muitos milhões de anos<sup>12</sup>, enquanto o ser humano apenas surgiu há meia dúzia de milhões de anos. Mas conseguiu em tão pouco tempo alterar uma ordem existente, que levava a que cada ser se adaptasse ao meio ambiente. Em muito pouco tempo, em 10.000 anos, período denominado por antropoceno<sup>13</sup>, o ser humano, ao invés, alterou essa relação, interferindo na natureza, embora com os riscos que vamos conhecendo.

Em prol desta posição há muitos argumentos legítimos, tornando possível uma visão sobre o corpo humano através do mesmo padrão.

Duvidamos que um crocodilo, animal que já existia no tempo dos dinossauros, ou seja, há mais de 60 milhões de anos, altere por vontade própria a sua forma corporal. Esta está determinada pela sua herança genética, sendo qualquer variação fruto de adaptações ambientais, ou, eventualmente, por mutações genéticas fortuitas.

A forma do ser humano também é fruto da herança genética<sup>14</sup>, mas pode e tem sido alterada por sua vontade. Não é a genética responsável pelo alongamento do pescoço como vemos em alguns lugares do mundo com as mulheres-girafas. Não é a natureza a responsável pela exacerbada definição muscular como vemos no *body-building*, a que Lipovetsky (1994) qualifica de *ego-building*. Não é a natureza que permite um autêntico corpo à la carte, onde o cirurgião retira, altera ou coloca partes do corpo à vontade do cliente. Não é a natureza que, havendo abundância de alimentos, determina passar fome em nome da construção de uma imagem corporal.

Há muito que nos referimos à morfogénese cultural do corpo humano, isto é, o corpo também como resultado de processos culturais (GARCIA, 1999). Porém, cada vez mais, o conceito de cultura tem de ser percebido no plural, não existindo uma cultura, mas culturas. É na diversidade que esta se expressa. Ora, o corpo humano é uma construção cultural, não sendo como nos animais ou nas plantas apenas determinado biologicamente, pelo que se entende a existência de uma diversidade de formas corporais.

Tal significa que a forma corporal é uma emergência da cultura, sendo fruto da mobilização do desejo individual e não apenas consequência de mecanismos de natureza biológica. Desta forma, o corpo humano situa-se para além da sua ascendência, ou seja, transcende-se.

Cultura, nas palavras de Alfred Kröeber (1993), é um acrescento à natureza. Uma minhoca nada acrescenta à natureza. Tudo aquilo que executa está inscrito no seu património genético. O homem acrescenta, e muito. A sua forma corporal é um desses acrescentos. É uma escultura que tem como suporte a matéria referida por Delfim Santos.

O corpo, talvez retirando o princípio e algumas vezes o fim da vida, é, então, um produto

12 Sem querermos entrar em grandes discussões, podemos situar o início da vida na Terra há cerca de 3 mil milhões de anos (ou bilhões na terminologia brasileira).

13 A este respeito, consultar Harari (2017).

14 Para Pedro Lain Entralgo (2003), médico e filósofo espanhol, o que somos é fruto de uma tripla herança: do desenvolvimento em-  
biológico, como resultado de um devir histórico e de uma situação social e, por último, desfecho de um processo biográfico.

do espírito humano, que o vai moldando de acordo com paradigmas estéticos: aqui e agora mais alongado, num outro tempo mais cheinho, nas regiões rurais mais robusto, consoante o sexo mais isto ou mais aquilo. O que não vemos é indiferença perante a forma corporal.

Como construção que é, fica sujeito a processos historicamente definidos, podendo pela sua forma ser localizado num tempo ou num lugar, tal como podemos fazer em relação à estatuária. Pela forma de uma estátua conseguimos verificar se é ou não grega, e, caso o seja, determinar o período em que foi esculpida. O valor da estética, ou do belo, exprime-se na estátua e no corpo humano. Tal como nos ensina Delfim Santos, a época é uma realidade espiritual, uma autêntica substância da obra (1987, p. 323). Por isso, a forma do corpo, onde o homem é artista de si mesmo, permite uma visão temporal do ser humano. Sou de um tempo! Não sou um homem único, universal, intemporal! Sou um ser situado! Tal como uma estátua, que é pedra, tempo e lugar, o ser humano também é matéria chamada à existência, expressando um tempo, um lugar, ou seja, uma cultura.

Em conformidade, o corpo, como construção que é, assume-se como uma chave hermenêutica do ser humano, ajudando a compreendê-lo, situando-o geográfica e historicamente. A cultura corporiza-se, isto é, torna-se corpo.

Neste processo constitutivo do eu, a beleza corporal, obviamente com uma leitura contextualizada a diversas situações da vida, tem o seu lugar. Pode não ser um fim em si mesmo, mas faz parte da narrativa pessoal.

Assim, o conceito de beleza não é apenas um capricho menor ou fútil, mas um importante valor humano que deverá ser considerado na educação, mormente na educação formal, a Escola.

## O CORPO NA EDUCAÇÃO

A estética corporal, enquanto valor humano, tem o seu lugar na educação. Mais do que educar para valores, educa-se em valores, ocupando a estética um lugar nesse quadro axiológico, pelo que é legítimo que a Escola se preocupe com o corpo enquanto produção estética. Renunciar a esta visão, é coartar um importante valor humano. A beleza corporal nada tem de negativo. Porém, na linha de Manuel Ferreira Patrício (1993), este valor estético deve estar subordinado ao superior valor da ética.

Ensinou-nos Comenius que a Escola é a oficina de humanidade. É o *locus* da humanização do ser humano, tornando-o um ser verdadeiramente cultural, criativo e interveniente. A Escola não pode ser somente reprodutiva, ou seja, repetitiva. Uma Escola que se limite a reproduzir o conhecimento de outros não cumpre totalmente os seus propósitos. Tem de ir mais longe, tem de possibilitar o ato criativo, tem de acrescentar algo para que seja cultural.

O corpo humano, enquanto processo construtivo e definidor de alguém, é passível de um acrescento. A beleza corporal, não sendo um fim em si mesmo, pode ser um acrescento cultural desde que nessa construção se respeitem determinados princípios.

A consciência da forma é um imperativo da educação, como também o será a consciência da estrutura e da função, duas condições mais voltadas para o valor vital, para a saúde. Conhecer a estrutura e a função do corpo leva-nos ao entendimento das totalidades física e biológica. Mas para o ser humano tal não é suficiente. Falta a totalidade intencional que também pode ser proporcionada pela forma.

Centremo-nos na construção da forma.

Suporte, escultura e escultor são os elementos de uma trilogia humana que nenhum outro ser vivo, planta ou animal, consegue imitar. Três características que nos podem impelir para o conceito

de homem, não do homem abstrato ou genérico, mas de cada ser humano, de cada um de nós.

A matéria, o suporte, pode ser comum a todos os humanos. Provavelmente a matéria de que somos feitos não difere muito da matéria de que são feitos muitos animais, nossos companheiros da vida. Talvez diferente seja a matéria de que são feitos os sonhos, mas deixemos esta dimensão humana para os poetas...

Um escultor, por exemplo Miguel Ângelo, perante um bloco de mármore percebe que no seu interior repousa uma imagem, por exemplo a Pietá. Essa imagem inscreve-se na imaginação do artista, vendo naquele suporte marmóreo aquilo que mais ninguém consegue observar. Com um martelo e um cinzel começa a moldar essa pedra bruta, surgindo a pouco e pouco a imagem pretendida que já fica ao alcance da percepção de todos. Não é Maria e Jesus que lá estão, mas a representação mental de Miguel Ângelo dessas figuras do cristianismo.

Como é uma representação mental não podemos afirmar que é o escultor que lá se encontra. Pensemos agora em qualquer ser humano que inicia uma prática regular de exercício físico para, por exemplo, emagrecer ou tonificar o seu corpo. Pode até já com a ajuda de meios tecnológicos ver como é que vai ficar após cumprir o programa de exercícios propostos. Ainda não é assim – é uma representação gráfica de como vai ser – mas quando concluir o programa vai ser assim.

O corpo esculpido não é algo exterior a si, mas é o seu próprio eu esculpido. Não lhe é exterior, como a *Pietá* para Miguel Ângelo, mas o próprio. Não foi o professor da academia que o esculpiu, mas o próprio através do esforço. O professor orientou essa construção, mas não o esculpiu. O cirurgião plástico pode fazê-lo, mas no mundo da Educação Física o escultor é o próprio.

À medida que se vai esculpindo, a pessoa torna-se naquilo que vai surgindo. Embora sendo o mesmo, a pessoa a cada momento torna-se num outro. Altera-se a imagem, altera-se o ser. Eu e o outro estabelecem uma relação dialética.

Imaginemos alguém acometido por um episódio de AVC<sup>15</sup>. Será que essa pessoa se reconhece naquele corpo tornado em certa medida “afuncional”? Eu sou este? Ou, se vir um filme caseiro onde intervém, eu fui esse? Será que o eu coincide com aquela imagem corporal? Talvez não. Aquele eu é um outro. O corpo que agora percebo não é aquele que esculpi, por isso não me reconheço.

O escultor não é uma entidade estranha ao suporte carnal da sua existência. Não há um escultor desprovido de corpo – de escultura. Escultor e escultura fundem-se numa existência única, naquela pessoa. Não é o eu que constrói o corpo enquanto entidade externa ao ser. O eu é também o corpo. São inseparáveis!

Ao longo da vida o corpo vai assumindo estatutos diversos. Se no seu início a importância do soma é indiscutível, à medida que crescemos o corpo-próprio ou o corpo-vivência vão progressivamente ocupando o lugar de destaque, havendo muitas vezes um esquecimento do corpo-objeto, que é descurado pela imagem. A totalidade orgânica, onde podemos inserir determinada visão positivista de saúde, subordina-se à vivência prazerosa do homem, não interessando de sobremaneira podendo até caminhar-se para a sua destruição em nome de uma fruição desmesurada do prazer.

O corpo, como provavelmente qualquer obra de arte, é para ser fruído porque é fruto de um ato criativo e merece ser refletido. Preparar o jovem para a totalidade da experiência estética é uma exigência colocada à educação. O jovem deve aprender a criar o corpo com esforço, sendo o escultor/escultura, fruir essa beleza, sentindo prazer, e pensar em si a partir dessa narrativa visual.

15 Recentemente orientámos uma dissertação de doutoramento intitulada *Corpo doente versus memórias do corpo são*. Nas entrevistas percebe-se que não há um total reconhecimento das pessoas com o corpo “afuncional”.

A Escola não deve pensar em pessoas “descorporizadas” ou em pessoas indiferentes ao corpo. A Escola deverá promover nos seus alunos a ideia da construção ética do corpo. Nem tudo valerá para concluir a minha escultura. A aula de Educação Física tem a principal função neste autêntico ato de cinzelar o corpo, tornando-o belo, permitindo fruí-lo convenientemente.

Não se pense, contudo, que nos estamos a referir apenas a corpos regidos pelos cânones da moda. É evidente que não! A beleza, enquanto expressão de uma sensibilidade, acontece de inúmeras formas, sendo plural como em muitas outras situações da vida. O que nos importa neste processo construtivo é mostrar e permitir vivenciar o corpo-próprio, a totalidade intencional e não a ideia de que “sou assim e nada há a fazer”, o que infelizmente vai acontecendo na nossa sociedade.

No final da vida, como no seu início, voltamos a ser apenas corpo, pelo que piedosamente dizemos “vai ali o corpo de...” e não “vai ali a pessoa tal”. Não vai a Pessoa, mas apenas uma sua dimensão, a física<sup>16</sup>. Já não há escultor nem escultura. Há apenas o seu suporte que, ao contrário de outras esculturas, o tempo vai encarregar-se de destruir. Estamos perante o estar-aí, mas não do ser-aí.

## PONTO DE CHEGADA

No que respeita ao estudo sobre o corpo nunca há um verdadeiro ponto de chegada. Existe sempre uma nova linha de horizonte que se projeta para além daquela que alcançámos.

O corpo, enquanto expressão temporal, renova a necessidade de leituras contextualizadas que respondam aos novos desafios que o tempo vai criando. Os desafios colocados ao homem nos primórdios da humanidade, que ficaram gravados na pedra nua das grutas, foram de determinado tipo. Os de agora, que também estão gravados nas nossas carnes, são outros. O corpo é assim um autêntico palimpsesto, com diversas camadas que se vão sobrepondo, contando histórias distintas, havendo sempre mais uma camada que se pode acrescentar.

No futuro avistado neste momento vislumbra-se o corpo biónico, o corpo idealizado pela ficção científica que cada vez mais é o corpo real. Amanhã, qual metáfora, corpo e máquina tenderão a fundir-se, não se distinguindo com exatidão o orgânico do superorgânico. Então, o corpo contará uma outra história da Pessoa Humana. Poderá desumanizar-se, mas com toda a certeza que continuará a ser em simultâneo suporte, escultura e escultor.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Editora Vozes [45ª edição, autorizada por Dom Lucas Cardeal Moreira Neves, Arcebispo de São Salvador, BA, Primaz do Brasil, 2001].

COMENIUS, J. **Didática magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (edição de 1985).

ENTRALGO, P. L. (2003). **Corpo e alma**. Coimbra: Almedina.

GARCIA, R. P. (1999). Da desportivização à somatização da sociedade. In Bento, J. O. Garcia, R. P. e Graça, A. **Contextos da Pedagogia do Desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 113 – 163.

16 Lembra Rocchetta que São Paulo nunca emprega o vocábulo *sôma* para indicar o cadáver. Nesta situação usa-se a palavra *sema*.

- GIL, J. (1980). **Metamorfose do corpo**. Lisboa: Regra de Ouro.
- HARARI, Y. N. (2017). **Homo Deus. História breve do amanhã**. Amadora: Elsinore.
- JOÃO PAULO II (2013). **Teologia do corpo: O amor humano no plano divino**. Lisboa: Alêtheia Editores.
- LE BRETON, D. (1990). **Anthropologie du corps et modernité**. Paris: Presses Uni-  
versitaires de France.
- KRÖEBER, A. (1993). **A natureza da cultura**. Lisboa: Edições 70.
- LIPOVETSKY, G. (1994). **O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos  
democráticos**. Lisboa: Publicações Europa-América.
- MORIN, E. (s/d). **O método II. A vida da vida**. Mem-Martins. Publicações Europa-Amé-  
rica (1ª edição francesa, 1980).
- PATRÍCIO, M. F. (1993). **Lições de axiologia educacional**. Lisboa: Universidade  
Aberta.
- RIBEIRO, A. (2003). **O corpo que somos: aparência, sensualidade, comunicação**.  
Lisboa: Editorial Notícias.
- ROCCHETTA, C. (1993). **Hacia una teología de la corporeidad**. Madrid: Ediciones  
Paulinas.
- SANTOS, D. (1982). **Obras completas** (vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.  
\_\_\_\_\_. (1987). **Obras completas** (vol. III). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SARAIVA, S. (2018). **Corpo doente versus memórias do corpo são. Dissertação de  
Doutoramento**. Porto: Universidade do Porto.
- VAN GENNEP, A. (1909). **Les rites de passage**. Paris: Ed. Nourry.
- VAZ, H. (1993). **Antropologia filosófica** (vol. I). São Paulo: Editora Loyola.

RECEBIDO 31/08/18

APROVADO 11/09/18

## SOBRE OS AUTORES:

RUI PROENÇA GARCIA. Possui Doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto (1994). Atualmente é professor titular da Universidade do Porto.

ANA GABRIELA ALVES MEDEIROS. Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA). Membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Pedagógicas em Educação Física Escolar e Esporte (GPEFE/UESC) e do Grupo de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer (AGENTE/UNEB). Pós-graduada em Gestão Esportiva pelo Centro Universitário Claretiano. Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutoranda em Ciências do Desporto na Universidade do Porto. Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus XII).